

Bruna acordou sobressaltada e recor-
dou -se de que ia morrer.

Mas não agora.

Sentiu uma chicotada de dor nas têm-
poras. O apartamento estava na penum-
bra e no outro lado das grandes janelas
a tarde caía. Atordoada, olhou para a
paisagem urbana familiar, para as tor-
res, telhados e centenas de janelas sobre
as quais as sombras caíam em remanso,
enquanto sentia a cabeça explodir. De-
morou alguns instantes a aperceber -se
de que aquele rufar não estava só dentro
do seu crânio. Alguém batia à porta. O
relógio marcava 19h21. Inspirou e ergueu
-se com um gemido. Sentada na beira da
cama, com a roupa amarrotada e os pés
descalços, esperou alguns segundos para
que aquela massa líquida em que o seu
cérebro se tinha transformado acabasse
de chapinhar e estabilizasse. Quatro anos,
três meses e vinte e nove dias, calculou
mentalmente com rapidez: nem sequer a
ressaca a impedia de repetir a sua rotina
maníaca. Se havia coisa que a deprimia
mais do que se embesbatar era fazê -lo
de dia. À noite o álcool parecia menos
daninho, menos indigno. Mas começar a
beber ao meio -dia era patético.

As pancadas continuavam, desordenadas, furiosas. Bruna
irritou -se: mais do que uma visita inesperada, parecia um as-
salto. Casa, ver porta, sussurrou, e no ecrã principal surgiu o
rosto do invasor. Da invasora. Demorou alguns instantes a re-
conhecer os traços desfigurados e convulsos, mas aquele hor-
rível cabelo ruivo berrante era inconfundível. Tratava-se de
uma das suas vizinhas, uma replicante que vivia na ala este do
edifício. Trocara apenas um ou outro cumprimento com ela
nos últimos meses e nem sequer sabia o seu nome. Bruna nao
gostava muito de se relacionar com os outros reps. Embora,
para dizer a verdade, também não se relacionasse muito com
os humanos. Para de uma vez, raios te partam, murmurou,
atormentada pelo ruído. Aquele estrondo insuportável fez
com que se levantasse e fosse abrir a porta.

– O que se passa? – resmungou.

A vizinha deteve o punho no ar a meio do gesto e deu um
salto, sobressaltada com o seu aparecimento repentino. Pôs-se
de perfil, como se estivesse prestes a iniciar uma fuga, e cravou
em Bruna o seu olho esquerdo. Um olho turvo e amarelado,
receoso e dividido pela atraente pupila vertical dos reps.

– Tu és Bruna Husky...



LÁGRIMAS NA CHUVA

Rosa Montero

PORTO EDITORA

| O LIVRO |

Estados Unidos da Terra, Madrid
2109. Uma série de replicantes
parece estar a enlouquecer,
cometendo assassinatos brutais
e suicidando-se de seguida.

A detective Bruna Husky, uma
replicante de combate, é contratada
para descobrir quem e o que está
por detrás disto. Mergulha numa
conspiração xenófoba mundial,
encontrando na companhia de uma
série de marginais - capazes
de conservar a razão e a ternura -
uma vitalidade aguerrida. Romance
futurista sobre a sobrevivência, a
ética, o amor e os afectos,
a memória e a busca de identidade.

Não parecia uma pergunta, mas res-
pondeu de qualquer forma.

– Sim.

– Tenho de falar contigo acerca de uma
coisa muito importante...

Bruna fitou-a de cima a baixo. Tinha
o cabelo despenteado, as faces sujas, a rou-
pa pouco limpa e enxovalhada, como se
tivesse dormido com ela vestida. Coisa que,
por outro lado, era o que a própria Bruna
acabara de fazer.

– É um assunto profissional?

Por instantes, a questão pareceu descon-
certar a mulher, que imediatamente acenou
afirmativamente e sorriu. Meio sorriso
de perfil.

– Sim. E isso. Profissional.

Havia qualquer coisa inquietante,
qualquer coisa que não batia certo naquela
rep desmazelada e trémula. Bruna ponder-
ou a possibilidade de lhe dizer que voltasse
num outro dia, mas a ressaca estava a ma-
tá-la e pressentiu que não receber uma pes-
soa claramente bastante ansiosa ia ser muito
mais difícil e cansativo do que ouvi-la. De
modo que recuou e a deixou entrar.

– Entra.

A androide obedeceu. Avançava aos
saltinhos, como se o chão queimasse. Bruna fechou a porta
e dirigiu -se para a zona da cozinha. Estava desidratada e pre-
cisava de beber alguma coisa urgentemente.

– Tenho água purificada. Queres beber um...

Não terminou a frase porque de alguma forma pressentiu
o que ia acontecer. Tentou virar-se, mas já era tarde. Uma
corda rodeou -lhe o pescoço e começou a estrangulá-la. Levou
as mãos ao pescoço, onde a corda lhe mordida a pele, e tentou
libertar -se, mas a mulher não parava de apertar com um brio
inesperado. Coladas inevitavelmente uma à outra, agressora
e agredida lançaram-se numa dança frenética e violenta pelo
apartamento, batendo contra as paredes e derrubando cadei-
ras, enquanto a corda apertava cada vez mais e o ar rareava.
Até que, esbracejando desesperada, Bruna conseguiu enfiar
o cotovelo nalguma zona sensível da sua inimiga, que soltou
momentaneamente a presa. Passados instantes, a mulher es-
tava no chão e Bruna em cima dela, imobilizando-a. Coisa
que não foi fácil de conseguir, apesar de ser uma replicante
de combate e, por isso, maior e mais atlética do que a maioria.
A vizinha parecia ter uma energia inumana, um vigor deses-
perado de animal selvagem.

– Quieta! – gritou Bruna, furiosa.

E, para sua surpresa, a mulher obedeceu e deixou de se contorcer, como se tivesse estado à espera de que alguém lhe ordenasse o que fazer.

Entreolharam -se durante alguns segundos, ofegantes.

– Porque me fizeste isto? – perguntou Bruna.

– Porque me fizeste isto? – balbuciou a androide.

Os seus olhos felinos tinham uma expressão alucinada e febril.

– O que tomaste? Estás drogada...

– Vocês drogaram-me... Vocês envenenaram-me... - gemeu a mulher.

E desatou a chorar com um desconsolo infinito.

– Nós? Quem somos nós?

– Vocês... os tecno-humanos... os reps... Sequestraram-me... infetaram-me... implantaram -me as vossas coisas sujas para me transformarem num de vocês. Porque me fizeram isto? Que mal vos fiz?

O diapasão dos seus gemidos fora subindo e agora guinchava como uma possessa. De certeza que os vizinhos vão voltar a queixar -se, pensou Bruna, aborrecida. Franziu o sobrolho.

– Essa estupidez vem a que propósito? Estás louca ou quê? Tu também és uma replicante... Vê -te ao espelho... Vê os teus olhos! És tão tecno-humana como eu. E acabas de tentar estrangular -me.

A mulher tinha começado a tremer violentamente e parecia estar a sofrer um ataque de pânico.

– Não me faças mal! Por favor, não me faças mal! Socorro! Por favor!

Aquele terror evidente era insuportável. Bruna soltou um pouco a sua presa.

– Calma... Não te vou fazer nada... Estás a ver? Estou a soltar-te... Se te mantiveres calma e quietinha, solto -te.

Libertou a mulher pouco a pouco, com a mesma cautela com que libertaria uma serpente, afastando-se de imediato, para fora do alcance das mãos dela. Lamuriante, a androide arrastou -se meio metro até apoiar as costas na parede. Embora parecesse um pouco mais calma, Bruna lamentou não ter consigo a sua pequena pistola de plasma. Escondera-a atrás do forno e, para a tirar daí, teria de deixar de vigiar a mulher durante alguns momentos. Na realidade era uma verdadeira estupidez guardar tão bem uma arma que depois não tinha hipótese de utilizar. Olhou para a intrusa, que respirava com dificuldade a um canto.

– O que tomaste? Estás feita num oito.

– Sou humana... Sou humana e tenho um filho!

– Está bem. Vou ligar à polícia para que te venham buscar. Tentaste matar-me.

– Sou humana!

– És mas é um perigo.

A androide olhou para Bruna com uma fixação cega. Um olhar feroz e de desafio.

– Não conseguirão confundir -me. Não conseguirão en-

ganar-me. Descobri -vos. É isto que faço aos vossos implantes asquerosos.

Dito isto, virou um pouco a cabeça, mergulhou os dedos veloz e violentamente na órbita ocular e arrancou um olho. Ouviu -se um ruído suave e húmido, uma respiração abafada, uns fios de sangue. Houve um instante de angustiante, petrificada loucura. Depois Bruna recuperou os movimentos e precipitou-se para a mulher, que tinha desmaiado no meio de uma crise convulsiva.

– Pelo grande Morlay! O que fizeste, desgraçada? Raios partam todas as espécies! Emergências! Casa, liga para as Emergências!

Estava tão transtornada que o computador não lhe reconheceu a voz. Teve de respirar fundo, fazer um esforço e tentar novamente.

– Casa, liga para as Emergências... Liga de uma vez, raios te partam!

Era uma ligação de alta velocidade, só de áudio. Ouviu -se a voz de um homem:

– Emergências.

– Uma mulher acaba de... Uma mulher acaba de perder um olho.

– Número do seguro, por favor.

Bruna arregaçou as mangas da roupa da vizinha e descobriu dois pulsos ossudos e nus: não tinha computador portátil. Revistou então os bolsos dela à procura da chapa de identificação civil e viu se ela não tinha o chip de identificação pendurado ao pescoço, como muitos outros. Não encontrou nada.

– Não sei, não podemos deixar isso para mais tarde? O olho está no chão, ela vazou-o...

– Lamento, mas se não está coberta pelo seguro e com o pagamento em ordem, não podemos fazer nada.



| A AUTORA |

Rosa Montero (n. 1951) estudou Jornalismo e Psicologia; trabalhou com grupos de teatro independente. Desde 1976 que colabora com o *El País*. Entre vários outros livros, publicou *Histórias de Mulheres*, *O Coração do Tártaro*, *A Filha do Canibal*, *Amantes e Inimigos*, *A Louca da Casa*, *História do Rei Transparente* e *Instruções para Salvar o Mundo*.